



Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro: processos educativos e diálogo de saberes

Larissa Aparecida da Silva Cabral¹; Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio².

¹Engenheira Agrônoma e Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: larissacabralufrj@gmail.com; ²Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ) e pesquisadora da EMBRAPA Agrobiologia. Email: cristhiane.amancio@embrapa.br.

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a experiência da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro como um ambiente de interação de múltiplos saberes e estratégias de construção da agroecologia. O evento fez parte das atividades do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, Chamada 81/2013 MDA/CNPq e foi realizado em novembro de 2015. Apresenta-se neste trabalho as metodologias participativas e a educação popular como eixos de apoio para a aproximação e fortalecimento dos sujeitos da agroecologia, pautado no diálogo e na participação de diferentes culturas, fortalecendo as redes sociotécnicas existentes nos territórios visitados no evento. Conclui-se que a Caravana RJ é uma ferramenta relevante para a construção do conhecimento científico e tácito, na perspectiva de valorização das epistemologias que a constroem, contribuindo assim para a indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão.

Palavras-chave: Agroecologia; Projeto Comboio; Construção do conhecimento.

1. Introdução

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão constitui uma estratégia metodológica de produção do conhecimento orientado pelo estímulo à participação social, caracterizado pela interação entre pesquisadores, agricultores e outros atores da Sociedade Civil organizados no campo agroecológico. Tal metodologia possibilita uma abordagem mais dialógica de intervenção na realidade e de compreensão sobre o meio sociocultural no qual o debate por uma



agricultura sustentável está inserido, possibilitando a criação de ambientes de interação e diálogo para agricultores, estudantes, professores e agentes de ATER.

As Caravanas agroecológicas e culturais são ferramentas relevantes para o campo científico, pois consideram diferentes aspectos epistemológicos como saberes cientificamente válidos, contribuindo assim para a integração do tripé pesquisa, ensino e extensão. Corroborando com as ideias de Freire (1987) admitimos que o conhecimento não seja apenas o mero dado, objetivo, materializado, mas sim, são estes dados somados à interpretação que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dão a ele. É na explicação da realidade vivida que os sujeitos explicitam a sua visão de mundo e as bases de sua interpretação.

Na Caravana Agroecológica e Cultural RJ foi possível experimentar recursos metodológicos que fortalecem a pesquisa-ação como método de pesquisa que não se descola da realidade empírica, através da qual se evidenciaram os conflitos sociais e ambientais de cada território, bem como foram criados espaços para reflexão e estratégias de superação de tais embates. A articulação entre os atores sociais possibilita a valorização do território enquanto espaço sociocultural e de reconhecimento dos saberes populares, criados tanto pelos ambientes de interação agroecológicos quanto pela institucionalização de processos que visem à promoção da agroecologia. Neste sentido, a Caravana RJ pode ser considerada uma experiência concreta de Educação em Agroecologia.

2. Histórico da experiência

As Caravanas Agroecológicas e Culturais são desdobramentos das Caravanas Territoriais, propostas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) em 2013, como metodologia de preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Na época, as Caravanas percorreram várias regiões do Brasil, perfazendo trajetos nas quatro direções, abrangendo uma rica e complexa diversidade e evidenciando as conquistas, as disputas e os desafios encontrados nos diversos territórios (anais do III ENA).



As caravanas são ferramentas que se propõem a auxiliar processos de reflexão e aprendizagem a partir de eixos orientadores, com a participação de diferentes atores da agroecologia: agricultoras e agricultores, representantes de povos e comunidades tradicionais, mediadores de ATER, pesquisadores, professores, estudantes, jovens, mulheres, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, movimentos sociais e demais sujeitos. Além de criar um ambiente fecundo para a reflexão, as caravanas oportunizam, em muitos casos, a produção de materiais de comunicação voltados para a divulgação das evidências sistematizadas e dos debates para amplos segmentos da sociedade.

Assim, as Caravanas traduziram-se numa substantiva inovação metodológica de aproximação e fortalecimento dos sujeitos protagonistas da agroecologia, ao mesmo tempo em que, enquanto pesquisa, assumem lugar político e ético, pautado no diálogo e na participação de diferentes culturas. Neste sentido, as caravanas tomam relevância para o campo científico por pautar a construção de “uma ciência que vá ao mundo vivo recolher seus objetos de estudo, a partir das lentes da sensibilidade engajada, ao encontro daqueles que sofrem, dos grupos humanos e das classes sociais mais vulneráveis” (RIGOTTO, 2013, p. 141).

Por esta ótica, o Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, aprovado na Chamada MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq Nº 81/2013, foi proposto com a intenção de fortalecer a articulação de agroecologia da região Sudeste e a integração de uma rede interinstitucional de parceiros, que partilham processos, práticas e metodologias inter, multi e transdisciplinares. Para tal, lança mão das Caravanas Agroecológicas como ferramenta de elaboração e desenvolvimento de ações em uma construção coletiva, que estimulem tanto a legitimidade das demandas, quanto a presença dos valores culturais próprios das comunidades e grupos que se articulam com estes parceiros.

A primeira caravana realizada pelo Projeto Comboio foi a de Minas Gerais, em novembro de 2014, onde o ponto de chegada foi Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. Em abril foi a vez do Espírito Santo onde desembarcamos em Alegre, sul do estado. Entre os dias 24 a 28 de novembro de 2015, o estado do Rio de Janeiro foi o cenário do encontro, sobre o qual nos debruçaremos neste trabalho e, em maio de 2016, São Paulo fechou esse ciclo de Caravanas.



3. Objetivo

Este artigo tem por objetivo apresentar a experiência da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, evento de extensão realizado entre os dias 24 a 28 de novembro de 2015 no estado fluminense, como um ambiente de interação de múltiplos saberes e estratégias de construção da agroecologia. As Caravanas são atividades que ganham relevância como objeto de estudos por permitir responder questões que, no caso específico, se propôs a identificar onde está a agricultura no Rio de Janeiro, bem como os problemas e potencialidades da agricultura familiar no estado.

Para tal, descrevemos o processo de construção da Caravana RJ e sua estrutura organizativa, sinalizando os elementos de construção do conhecimento agroecológico que contribuem para as interações entre os sujeitos, para a valorização do saber popular e para o fortalecimento das redes sociotécnicas e agroecológicas. Tomamos como ferramentas de análises os aportes teóricos sobre o tema, a pesquisa participante¹, relatos dos caravaneiros (sistematizados na relatoria da Caravana RJ) e os acúmulos adquiridos pelos autores a partir da participação no Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste.

4. Descrição e reflexão sobre as experiências

A construção Caravana RJ teve início em 2013, com a aprovação do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, a rede de Núcleos de Estudos em Agroecologias (R-NEAs) aprovado na chamada do Edital (81/2013) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e outros Ministérios. Este edital teve por objetivo formar e ou consolidar os núcleos de estudos de agroecologia no Brasil e redes de Núcleos, dentre eles o Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia (NIA-UFRRJ). Assim, todas as atividades desenvolvidas pelo NIA-UFRRJ e pelo Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste desde

¹ Sobre a pesquisa participante ver DEMO, P. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012.



sua aprovação em 2013 até novembro de 2015 podem ser consideradas parte do processo educativo e de contribuição para a realização da Caravana RJ.

O primeiro passo para a organização da Caravana RJ foi uma reunião entre diversas organizações e atores da agroecologia que culminou na consolidação de um fórum onde todas as comissões formadas se reuniam para apresentar suas propostas e compartilhar ideias. Estes espaços de encontro tiveram por objetivo facilitar o diálogo entre as comissões e a construção coletiva do evento, garantindo um olhar completo e complexo de todo o processo.

A construção coletiva e de interação entre os diversos atores propiciou um diálogo, ora tenso pelos conflitos de ideias, mas ao mesmo enriquecido pela troca de saberes, acordos e realização das tarefas propostas. Esta forma de construção é, de acordo com Leff (2001):

(...) capaz de induzir um processo participativo de tomada de decisões, onde a população deixe de ser controlada (alienada, manipulada) pelos mecanismos cegos do mercado e por leis científicas governadas por processos automáticos, acima de sua consciência e seu entendimento. (LEFF, 2001, p. 233-234).

Pode-se dizer que a organização da Caravana RJ foi um processo que contribuiu para a construção do conhecimento, pois ela estimulou a horizontalidade das tarefas e a participação dos diferentes sujeitos. Nesta parte do trabalho propomo-nos a olhar para cada um desses momentos da Caravana RJ buscando aportes em alguns eixos propostos na matriz de sistematização² para refletir e identificar as contribuições desta experiência educativa.

a. Metodologias utilizadas e processos educativos

A caravana Agroecológica e Cultural do RJ foi dividida em três momentos: o primeiro momento consistiu na viagem e na visita às experiências nas rotas; o segundo momento de culminância

² A Matriz de sistematização é uma importante ferramenta de reflexão e organização dos conteúdos a ser utilizada ao longo do processo de Sistematização. A matriz é organizada em nove temas principais e oito temas transversais que cruzados permitem analisar as práticas de construção do conhecimento agroecológico realizadas pelos NEAs, além dos impactos das políticas públicas para construção deste conhecimento. Estes temas definem o eixo de sistematização orientador do processo de Sistematização de Experiência (ABA, 2016).



(encontro das rotas) consistiu na formação coletiva e troca de saberes, que se expressaram nas instalações pedagógicas e no Seminário Estadual e; o terceiro e último momento, correspondeu ao diálogo com a sociedade, através do ato público.

Os acúmulos e denúncias das diversas rotas da Caravana RJ foram levados ao ponto de culminância, no município de Casimiro de Abreu/RJ, possibilitando subsidiar as análises sobre a construção da agroecologia e suas disputas territoriais a partir das distintas realidades vivenciadas pelos (as) participantes. Para a partilha dos aprendizados nas rotas, utilizou-se ferramenta metodológica denominada instalação artístico-pedagógica. As Instalações Artístico-Pedagógicas são espaços metodológicos, criativos e dinamizadores de diálogos e socializações que provocam os sentidos para determinado tema e que são o ponto de partida para a discussão de impressões e intercâmbio de saberes sobre o que podem representar.

O Seminário Estadual de Agroecologia foi um espaço de formação, de compreensão do território e de troca entre os diversos sujeitos que protagonizam a agroecologia desde os seus espaços de atuação, promovendo a integração entre os agricultores, pesquisadores, técnicos de ATER, instituições do estado, movimentos sociais, estudantes secundaristas e universitários e outros representantes da sociedade civil. Teve como ênfase a resistência da produção agroecológica diante dos interesses privados e da ausência de políticas públicas para a agricultura orgânica e para a agroecologia no estado. A metodologia utilizada foi de exposição seguida de intervenções da plenária, buscando desta forma envolver os diferentes atores na discussão.

Numa proposta de diálogo com a sociedade, o ato público teve por objetivo apresentar os acúmulos da Caravana RJ e mostrar, por meio de um almoço agroecológico que existe agricultura familiar no Rio de Janeiro, ela existe, resiste e alimenta, defendendo o acesso à alimentação saudável como sendo um direito político. Tendo como eixo central a questão *comer é um ato político*, levantado pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (2015), o ato da Caravana RJ transformou a praça central de Casimiro de Abreu numa praça de alimentação.

b. Parcerias e atores envolvidos



A Caravana RJ, uma iniciativa do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, foi promovida pelo Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia (NIA-UFRRJ), Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Agrobiologia).

Participaram diretamente desta construção o Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR), representantes dos movimentos sociais como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR); mediadores de ATER da Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável (CEDRO), do Centro Tiê de Agroecologia, da Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu e da EMATER Campos dos Goytacazes; instituições como a Fundação Oswaldo Cruz – através do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaína (OTSS), além de outros parceiros como a Escola da Mata Atlântica, a Associação Mico Leão Dourado (AMLD), a Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT), a APA Estadual Macaé de Cima, Feira Agroecológica de Teresópolis, Sobrado Cultural, Orgânicos Serramar, Casa dos Saberes, Projovem Campo Saberes da Terra Goitacá, Agrocrioulo (UENF), Coletivo de Mulheres Regina Pinho, Feirinha Agroecológica da Enseada das Gaivotas, o Grupo de Trabalho Saúde do Trabalhador de Casimiro de Abreu e a Associação dos Produtores Agroecológicos da SerraMar (APASMAR).

Além disso, este processo contou com a contribuição dos estudantes bolsistas do Projeto Comboio e dos envolvidos no Mutirão de Agricultura Ecológica (MAE-UFF) e no Grupo de Agricultura Ecológica (GAE-UFRRJ). Foram fundamentais as colaborações do Colégio Estadual de Casimiro de Abreu, sede da etapa de culminância do evento, e das comunidades rurais locais por onde os caravaneiros passaram.

A construção coletiva, visando à realização da Caravana RJ, foi importante para o fortalecimento das parcerias e para o estímulo a processos que podem ter desdobramentos futuros, uma vez que as ideias propostas foram sistematizadas e compartilhadas com outros parceiros e podem



contribuir com novas iniciativas. Assim, a metodologia de construção da Caravana RJ foi um processo pedagógico e acumulativo para a agroecologia no estado.

c. A viagem como um instrumento pedagógico

Ao longo do tempo, viagens ou expedições para pesquisa e estudo sempre foram utilizadas como caminho para a descoberta ou a melhor compreensão de outros lugares e realidades, numa postura de saída de um contexto para a busca de vivências e impressões em situações distintas. As viagens são, neste caso, verdadeiras “viagens de formatura”, que permitem sair da percepção abstrata do espaço (através de livros, fotografias, relatos) para a experiência do real (SANTOS, 1996).

As viagens quando feitas em caravanas, ou seja, realizada em grupo, e em especial quando se utiliza de técnicas apropriadas, permitem a observação, análise e interpretação do espaço geográfico durante o percurso de forma coletiva e a construção de uma visão integradora das diferentes dimensões que conformam a realidade dos territórios enfocados. Dentre as técnicas, pode-se utilizar de paradas em pontos estratégicos, usos de mapas e outras ferramentas, que permitem compreender o espaço geográfico como um sistema de objetos e ações humanas nos lugares (SANTOS, 1996).

As Caravanas são entendidas como um processo educativo que se dá por meio da viagem, aproxima-nos das formas que o sujeito encontra para atravessar espaços desconhecidos, como se relaciona com as descobertas, se modifica e aprende (SARLO, 2014). As chamadas para as caravanas vêm sempre como um convite à viagem. A proposta de embarcar em um trem³ e se permitir ir conhecer outras experiências e outros territórios. O recado das Caravanas é preparar as malas, sempre com o cuidado de deixar espaços para caber histórias de lutas, de conquistas e de celebrações.

As caravanas possuem potencial de transformação, tanto os sujeitos que acolhem os participantes, quanto os sujeitos que visitam as experiências locais, se encontram mais pré-dispostos à

³ O título “Comboio Agroecológico” foi inspirado no livro “Trem”, de autoria do agricultor agroecológico Amauri Silva, de Espera Feliz (Zona da Mata mineira). O livro foi concebido no Encontro Nacional de Agroecologia (ENA-Recife, 2006), publicado em 2008, com o apoio do Programa de Extensão Universitária “Teia”, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Neste livro, lembram-se as tecnologias sociais sustentáveis, que hoje se refazem e que são necessárias no enfrentamento da degradação humana e ambiental.



interação e aprendizagem, o que contribui para as investigações e análises dos territórios, ampliando assim, a compreensão dos mesmos. Sobre isso, Hsien (2010) comenta que:

A hospitalidade não pode ser compreendida na sua forma reduzida de apenas atender às necessidades tangíveis do hóspede. É necessário compreender e refletir que, por trás de toda relação hospitaleira, estão dois indivíduos; seres humanos que podem e devem desenvolver relações afetivas numa maior ou menor intensidade. (HSIEN, 2010, p.102).

Assim, as viagens funcionam como instrumento pedagógico tanto para quem viaja quanto para quem recebe os caravaneiros. Na viagem, os sujeitos são forjados a construir ambientes de interação e afetividade.

A possibilidade de pensar a caravana como ato de descobertas e de pesquisa, como uma experiência de si diante do olhar e da interação com o território desconhecido, corroboram para a construção do conhecimento agroecológico, pois constituem um espaço de saber capaz de dialogar com os diversos sujeitos e funcionam como exercícios para o desenvolvimento de um novo olhar sobre as experiências de agroecologia.

d. Diversidade e etnicidade no estado fluminense

O Rio de Janeiro é o estado mais urbano do Brasil, com quase 97% da população vivendo em áreas consideradas urbanizadas, segundo o último censo do IBGE (2010). Diante disso nada mais pertinente do que o questionamento: existe agricultura no Rio de Janeiro? Não só existe agricultura no Rio de Janeiro, como mais de 526 mil pessoas que vivem no campo, e no campo resistem e se alimentam. Com o propósito de visibilizar esta agricultura, a caravana trouxe como tema central Agricultura no Rio de Janeiro: existe, resiste e alimenta. A partir deste tema, a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro se desafiou a traçar olhares sobre todo o estado e a investigar os desafios e potencialidades desta agricultura, em especial da agricultura familiar e da agroecologia vivenciados em diferentes contextos de vida e produção no último período.



Apesar dos avanços na conquista de algumas políticas e programas, o estado do Rio de Janeiro permanece com baixos investimentos no campo da agricultura familiar e agroecológica, fomenta sua invisibilidade, ameaça as suas práticas agrícolas e assiste a diversos e intensos impactos e violações dos direitos das agricultoras e dos agricultores. Desta maneira, e buscando fortalecer as diferentes iniciativas agroecológicas, as regiões fluminenses abriram suas rotas para mostrar que a agricultura familiar do Rio de Janeiro existe, resiste e alimenta.

A confirmação de que no estado do Rio de Janeiro existe agricultura, se deu a partir da diversidade de experiências visitadas durante a Caravana RJ. Esta diversidade mostrou também as diversas expressões da agricultura em cada região do estado, que se articulam entre todas as rotas por pontos comuns que perpassam pelas histórias de resistência de cada território. Assim, conhecer o contexto e os conflitos de cada rota ajudou a identificar onde e como a agricultura ocorre em um dos estados mais urbanizados do país.

A região Costa Verde, rota 1 da Caravana RJ, é compreendida pelos municípios de Angra dos Reis e Paraty, no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, e pelo município de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo. Marcada por belezas singulares, a região ficou preservada por sua condição geográfica e pela presença de comunidades tradicionais que ali vivem.

Com o eixo de discussão gerado em torno da disputa territorial e comunidades tradicionais, os caravaneiros – viajantes – vindos do estado de São Paulo, puderam refletir sobre a relação entre os territórios tradicionais e as unidades de conservação, identificando-os como um tema atual e promotor de distintos conflitos na região, principalmente com as unidades de conservação de proteção integral. As quais, pelas suas atribuições e regulamentações, inibem práticas tradicionais de uso dos recursos naturais nos territórios e suas opções culturais por parte dos comunitários.

As Unidades de Conservação influenciam negativamente na forma de viver dos territórios, criminalizando os protagonistas da agricultura familiar, do manejo florestal, do artesanato tradicional e da pesca artesanal, interferindo assim, nas formas de relação ser humano-natureza que já aconteciam anteriormente à implementação das unidades de conservação e suas concepções quanto às políticas ambientais.



O modelo de proteção ambiental pensado de forma descolada do diálogo com o território, através de políticas excludentes só fazem contribuir para a intensificação dos conflitos, a retirada das comunidades dos seus territórios e o reassentamento em outras áreas. O que representa uma ruptura na relação cultural e ancestral, interferindo de maneira segregadora e autoritária nos processos de sucessão social das gerações e transição oral do conhecimento a partir das realidades territoriais constituídas ao longo dos tempos. A compreensão e integração que essas comunidades possuem com o ecossistema, bem como as lutas e resistências que enfrentam para permanecerem em seus territórios corroboram para o diálogo entre os saberes.

A Região Norte, rota 2 da Caravana Agroecológica e Cultural no Rio de Janeiro, recebeu os caravaneiros que vieram do Espírito Santo para partilhar conhecimentos. A região é marcada pelo latifúndio e pela monocultura da cana de açúcar que durante décadas sobrepuseram-se às demais forças e atividades produtivas, sofrendo sua derrocada entre os anos 1980 e 1990, quando se multiplicaram os Projetos de Assentamento de Reforma Agrária, frutificando a luta de gerações de trabalhadores (as) até então submetidas (os) à lógica da dominação do capital na agricultura industrial.

Marcam este território a mineração e a precariedade das condições de vida a que as famílias foram submetidas após a desapropriação das suas áreas, mas também a precariedade do Estado e dos interesses representados. Diante desta conjuntura, a rota 2 da Caravana RJ colocou em debate a disputa e luta pela terra, possibilitando que os caravaneiros se voltassem para os processos de Reforma Agrária e permanência da luta pela terra, levando-os a refletir sobre o porquê da reforma agrária ser o primeiro passo para a transição agroecológica, fundada na diversificação das mentes e das lógicas de ocupação do espaço e da tomada de decisão sobre o uso da terra.

De igual maneira, são notórios os processos de conflito e resistências na Região Serrana do Rio de Janeiro. A ocupação de tal região é datada nas últimas décadas do século XVIII (pouco mais de 200 anos após a ocupação litorânea). Ao todo são quatorze municípios que compõem essa região e que apresentam distintas realidades e expressões de dedicação à agricultura, cujos sistemas predominantes se pautam pela lógica agroindustrial, praticada em um elevado cinturão verde, de onde afloram as águas do em torno do segundo maior centro consumidor de alimentos do país.



A Região Serrana recebeu os caravaneiros vindos de Minas Gerais, os quais entraram no estado por duas rotas distintas: a Rota 3, que abrangeu os municípios de Teresópolis, Nova Friburgo, São Pedro da Serra, Lumiar e Casimiro de Abreu e a Rota 4, que teve no percurso as cidades de Bom Jardim, Nova Friburgo e Silva Jardim.

Conhecer os conflitos e as formas de ocupação de cada território é fundamental para a interação e atuação dos diferentes sujeitos, organizações e movimentos sociais comprometidos com a construção do conhecimento agroecológico. Desta maneira, a noção de redes de conhecimento e poder assumem maior centralidade na interação e troca de saberes. A construção do diálogo a partir do contexto de cada parcela do território, permitindo o olhar atento para as diferentes realidades, proporcionado pela realização da Caravana RJ, reforçou a dimensão e a relevância dos conhecimentos locais e ao mesmo tempo da presença desses em outras escalas de articulação, possibilitadas pelas ações em rede.

e. Considerações Finais

A Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro articulou diferentes sujeitos sociais para refletir e pensar estratégias de ação para a agroecologia na região sudeste, em especial no estado do Rio de Janeiro. Através da Caravana RJ foi possível identificar que a diversidade de experiências com agricultura familiar e agroecológica no estado refletem um conjunto de iniciativas que estão reunidas e articuladas em redes, coletivos locais e fóruns estaduais e regionais.

O evento criou espaços de reflexão sobre a importância da agricultura familiar para garantir a manutenção e ampliação de ecossistemas sustentáveis, ao mesmo tempo em que trouxe para o debate os conflitos com as Unidades de Conservação, o patrimônio genético, a cultura alimentar e a agrobiodiversidade, a disputa pela terra e a questão agrária. A Caravana RJ serviu ainda como ferramenta de conexões entre o urbano e o rural, uma vez que surgiu das ações articuladas com movimentos sociais, instituições de pesquisa e ensino, órgãos representantes do Estado e demais atores sociais, que atuam em diversos territórios.



Metodologicamente, o evento lançou mão de iniciativas inovadoras e participativas que possibilitaram contribuir com a formação humana e com a construção do conhecimento agroecológico. A metodologia adotada, baseada na construção coletiva e na horizontalidade entre os saberes, foi importante para o fortalecimento das parcerias bem como para estimular processos que podem ter desdobramentos futuros, uma vez que as ideias propostas foram sistematizadas e compartilhadas com outros parceiros e podem contribuir com novas iniciativas.

Pelo exposto, pode-se concluir que a realização da Caravana RJ foi um processo pedagógico e acumulativo para a agroecologia, tanto no estado do Rio de Janeiro quanto na Região Sudeste. Os desafios ainda são muitos, é preciso incidir sobre as denúncias feitas, pressionar para a elaboração de políticas públicas que atendam a realidade dos agricultores no estado, resistir aos conflitos ambientais, etc. Contudo, após a Caravana RJ, as experiências agroecológicas e organizativas de cada região foram (re)conectadas e isso, sem dúvidas, contribui para o fortalecimento da agroecologia. A Caravana RJ mostrou que, apesar dos desafios, a agroecologia continua se apresentando como alternativa viável de produção e de vida.

Referências

ANAIS III ENA: *Encontro Nacional de Agroecologia*. Rio de Janeiro. Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, 2014. Encontro realizado na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Juazeiro (BA), de 16 a 19 de maio de 2014. ISBN – 978-85-87116-22-2. Disponível em <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-ena.pdf>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (17ª ed.), 1987.

HSIEN, E. *Hospitalidade e Sustentabilidade*. In: PHILIPP, Arlindo Jr; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. (Org). *Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo*. Barueri- SP: Manole, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE *Censo Demográfico 2010*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em: 25 de agosto de 2016.

LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: editora Cortez, 2001.



RIGOTTO, R. M. *Os conflitos entre o agronegócio e os direitos das populações: o papel do campo científico*. Agroecologia. Vol. 7, p. 133-42, 2013.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. 2 reimpr. – São Paulo: Editora USP, 1996.

SARLO, B. *Viajes: De la Amazonia a las Malvinas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Seix Barrial, 2014.